

Laboratório de Arquitectura II

2º semestre

M^a Beatriz Gomes

ÍNDICE

Sítio

Fotografias da maquete 1:1000

Desenho de análise do lugar

Fotografias da maquete proposta 1:1000

2ª Fase

Lado Poente

Proposta

Imagem de referência

Citação – Síntese da proposta

Esquiço de síntese

Fotografias da maquete 1:200

Plantas e perfis 1:200

Fotografia da maquete espaço relevante 1:50 (facultativo)

Desenho(s) complementar(es) / visão serial

Fotografias das maquetes de trabalho (várias escalas)

1ª Fase

Lado Nascente

Proposta

Imagem de referência

Citação – Síntese da proposta

Esquiço de síntese

Fotografias da maquete 1:200

Planta e perfil de conjunto

Fotografias da maquete 1:50 / 1:20 / ...

Planta e corte 1:50

Desenho(s) complementar(es) / visão serial

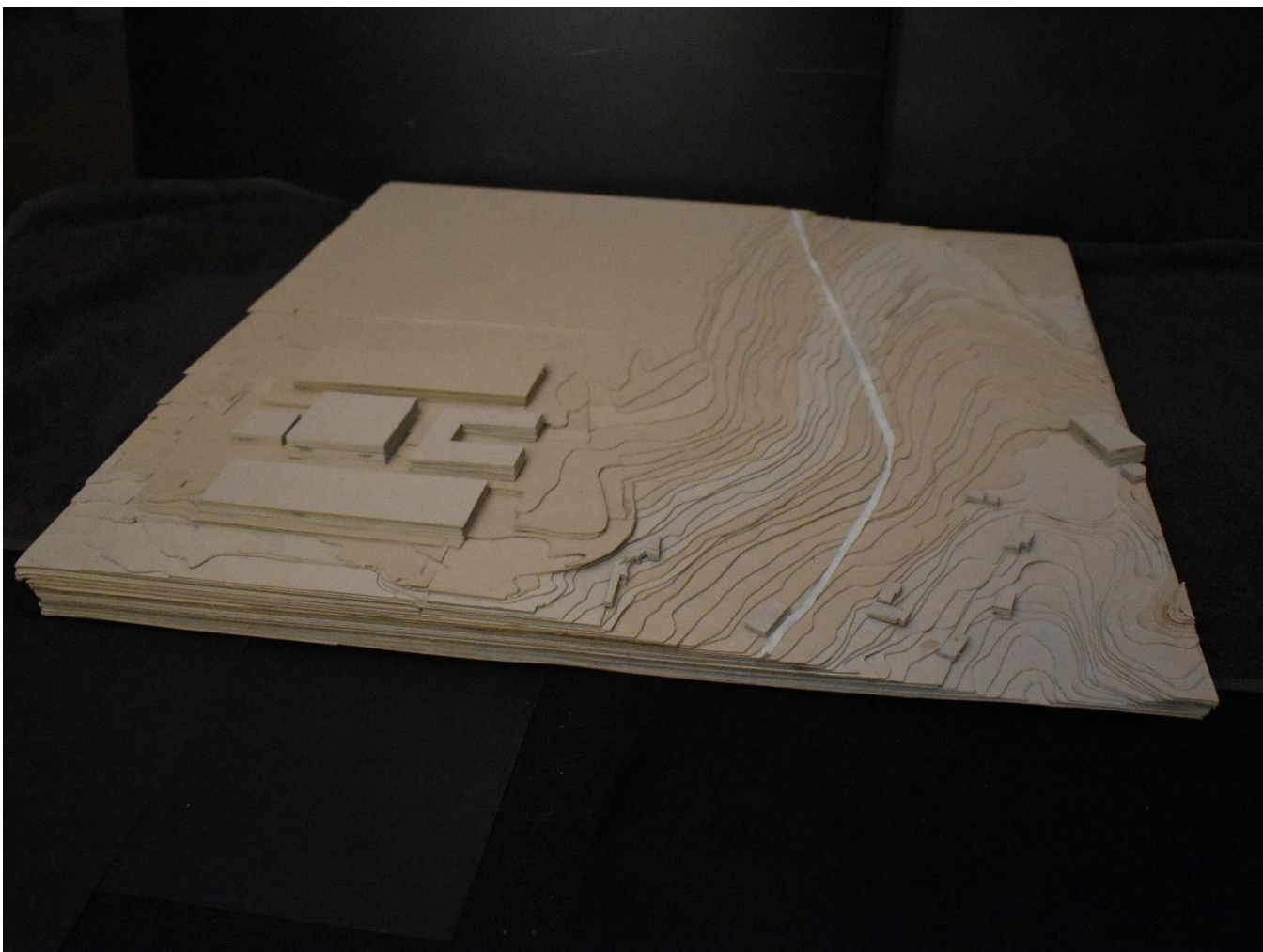
Processo

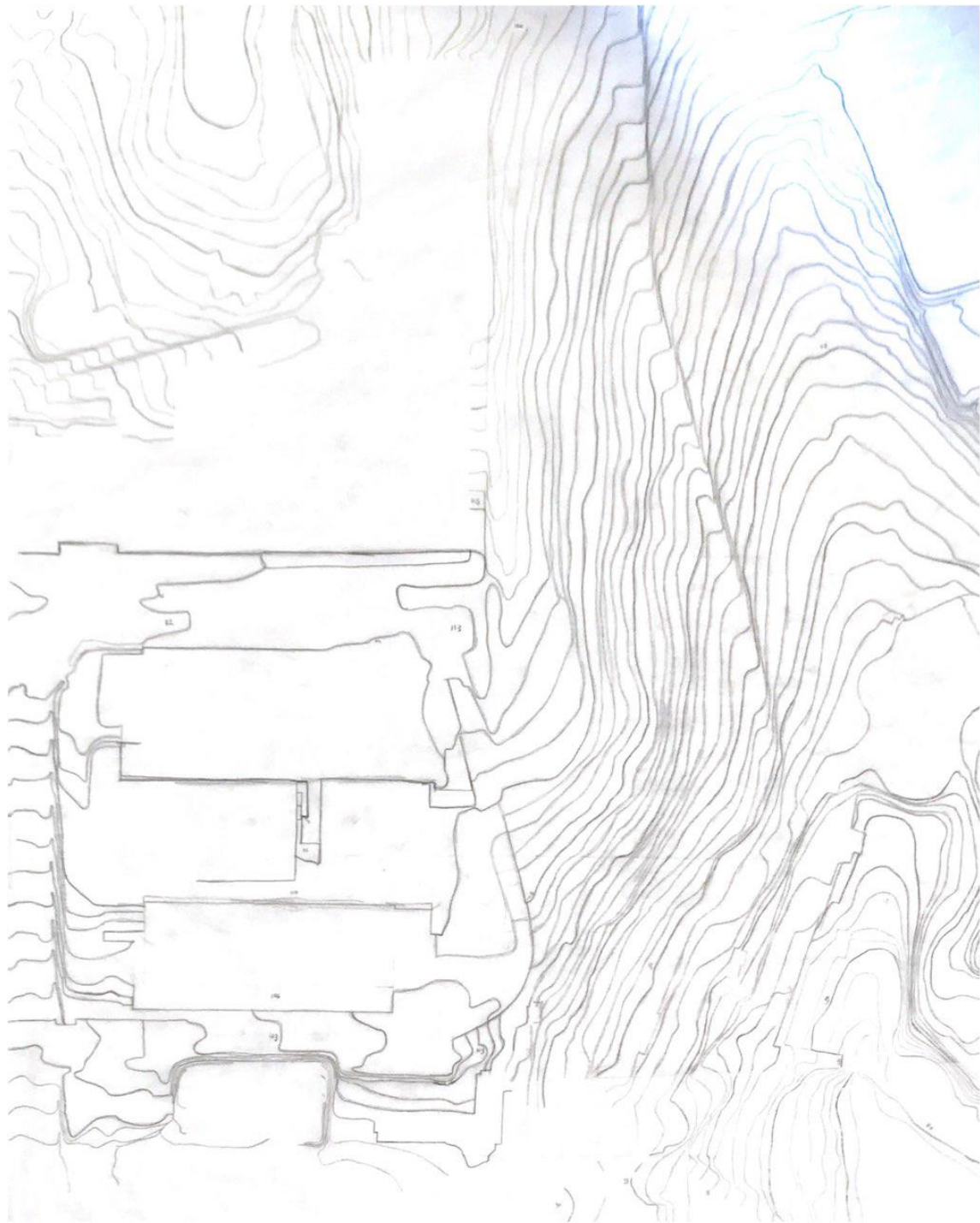
Desenhos exploratórios mais relevantes

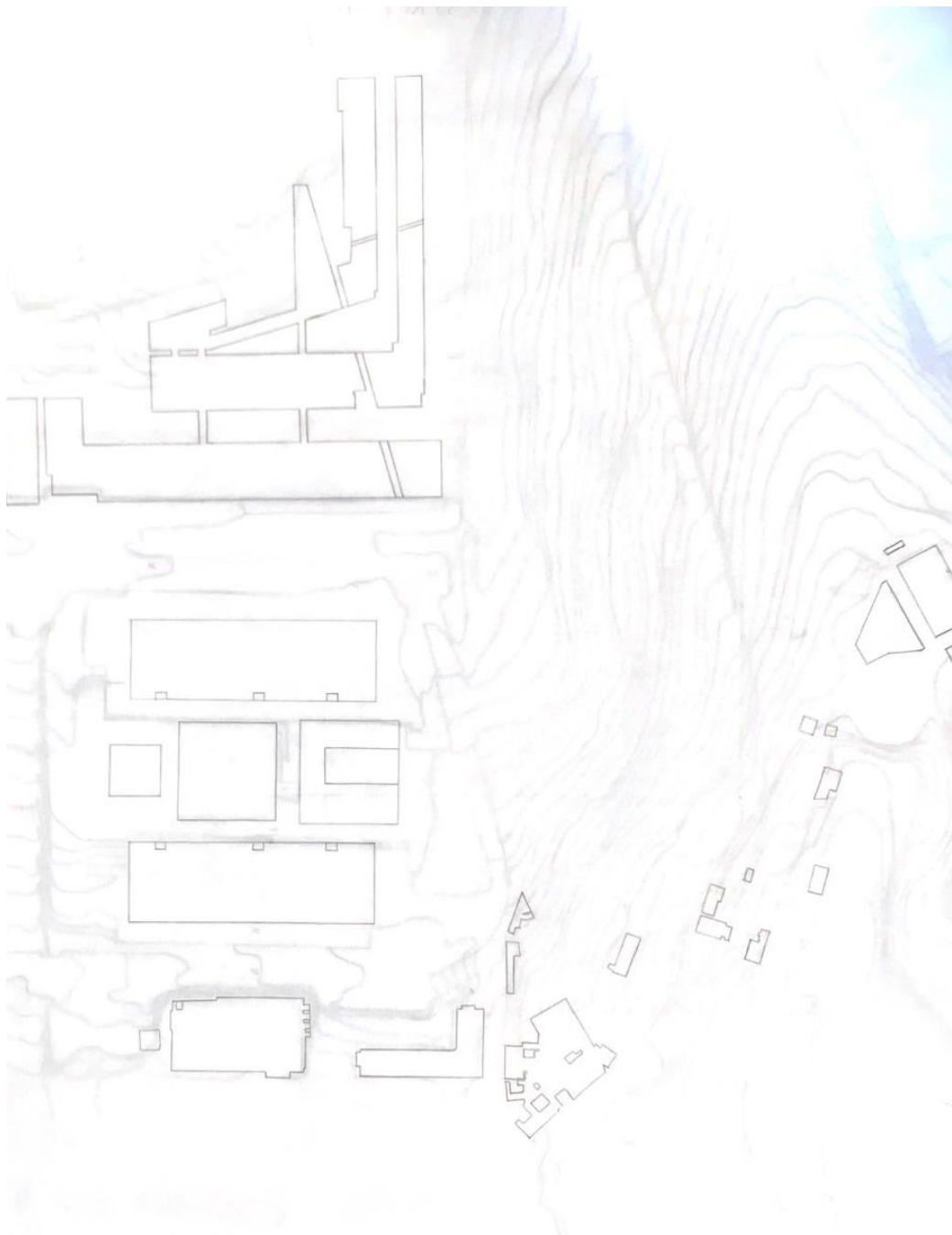
Leituras comentadas

Sítio

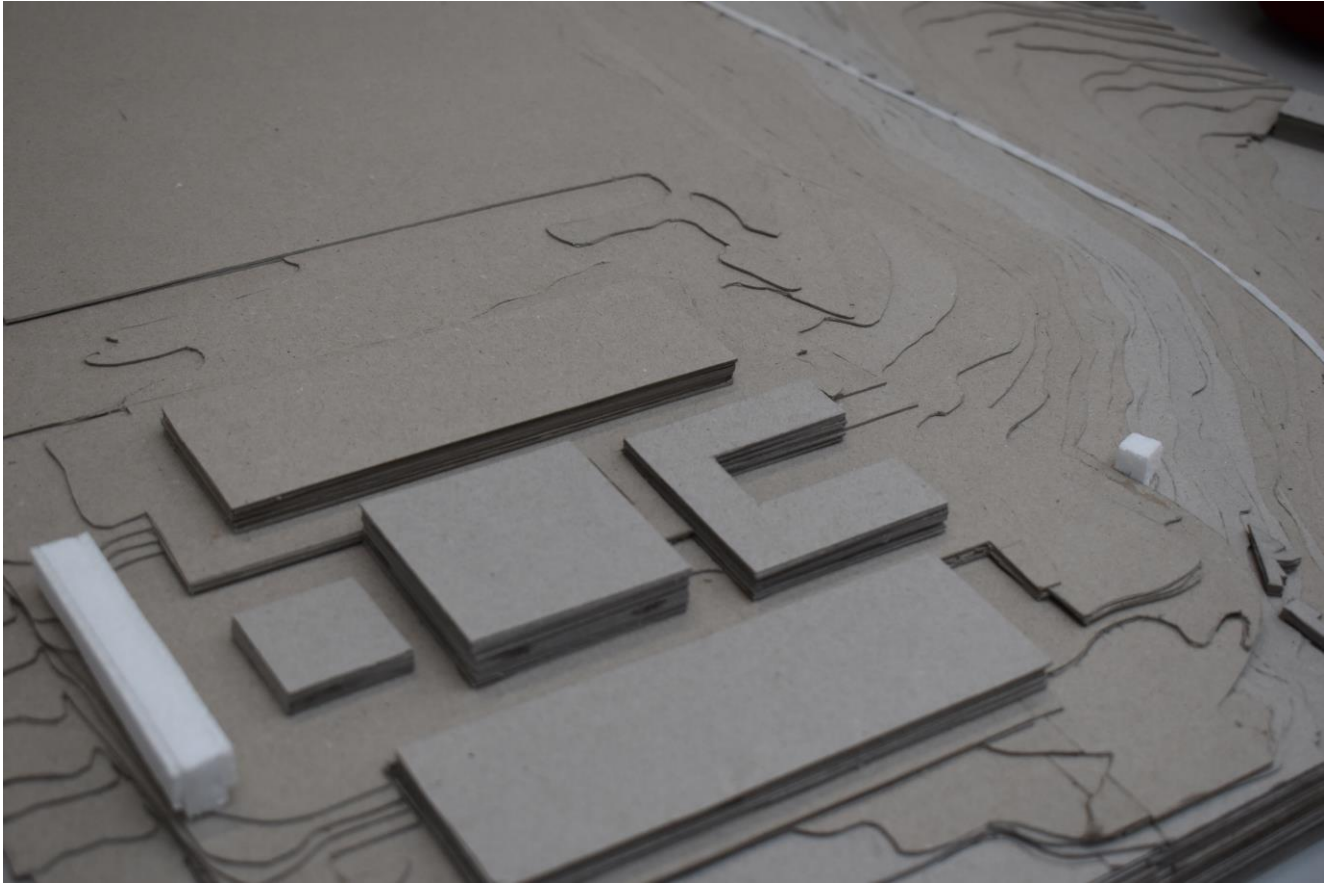


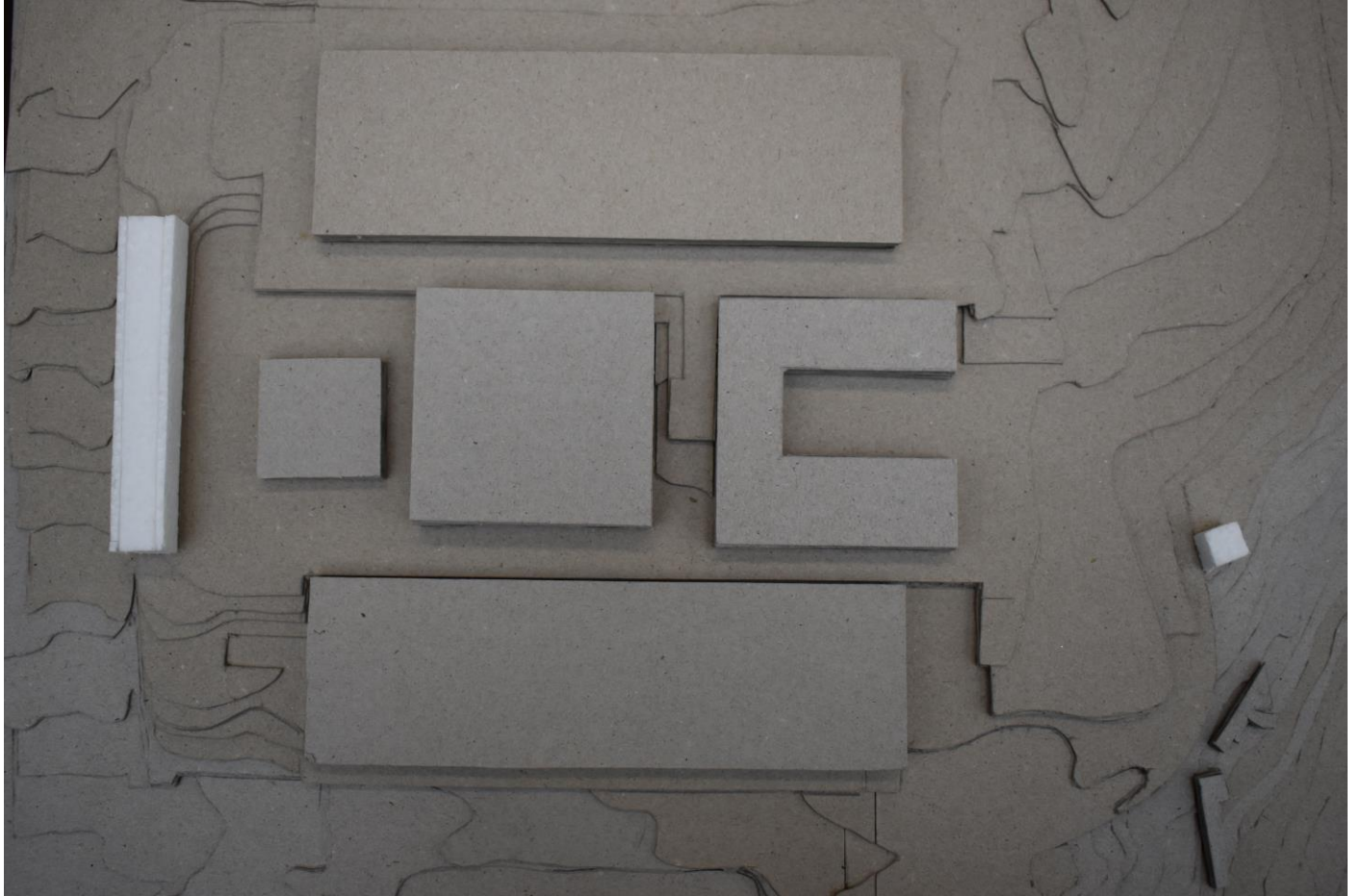












2ª fase

lado poente

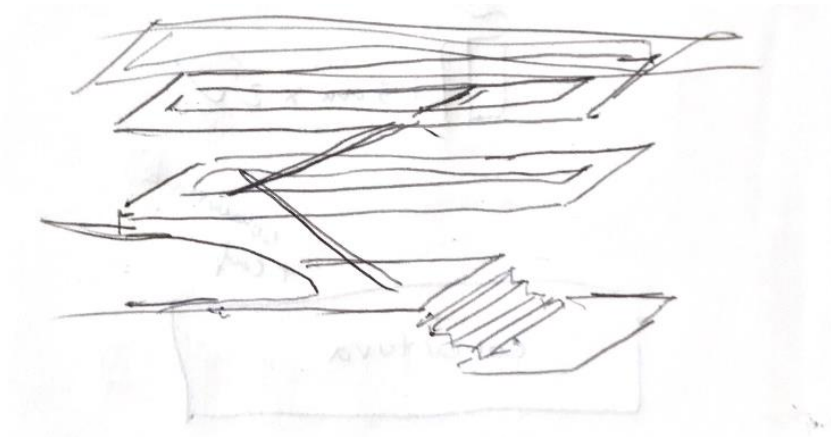
Proposta



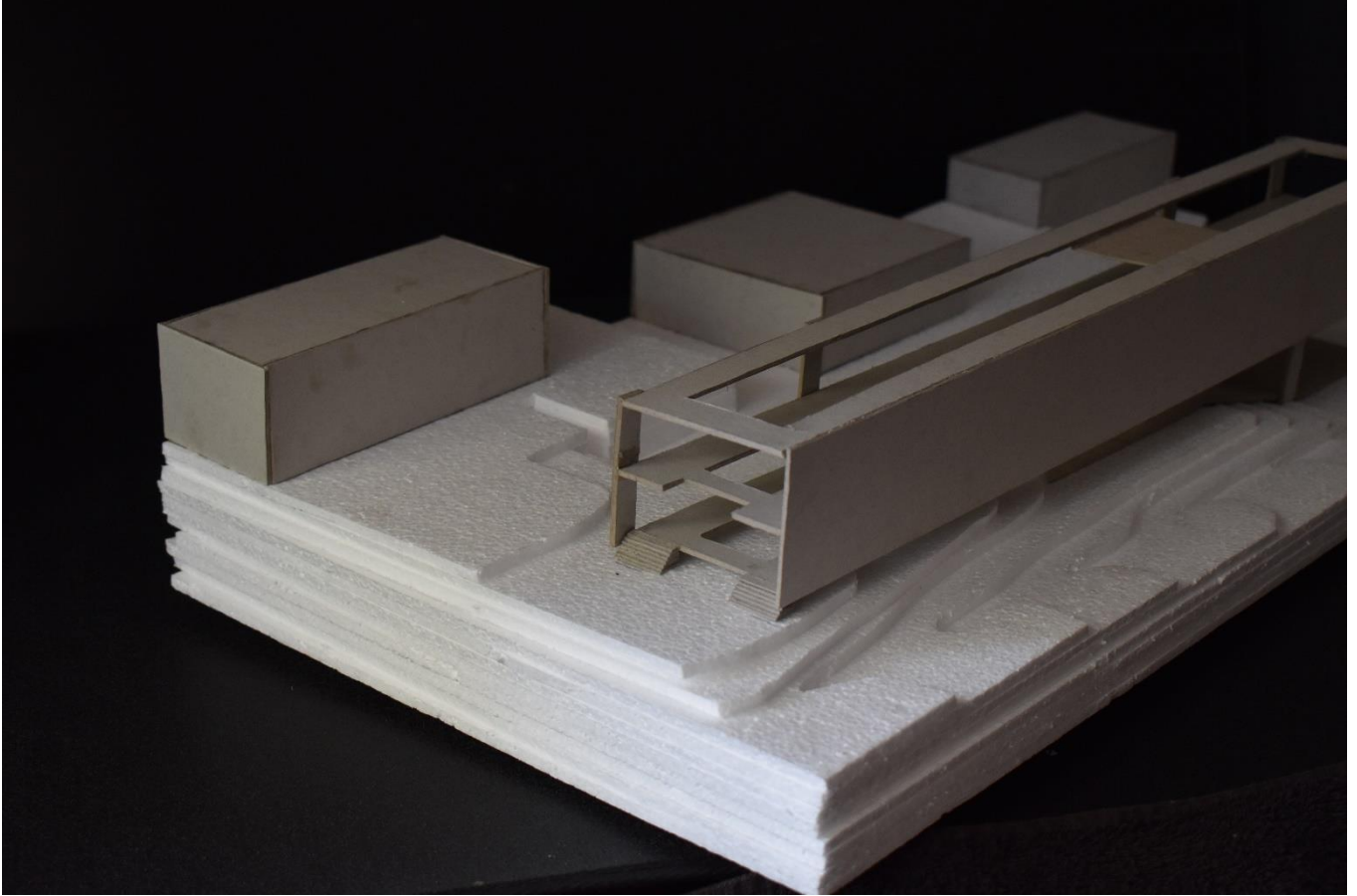
Casa de Chá da Boa Nova, Álvaro Siza Vieira

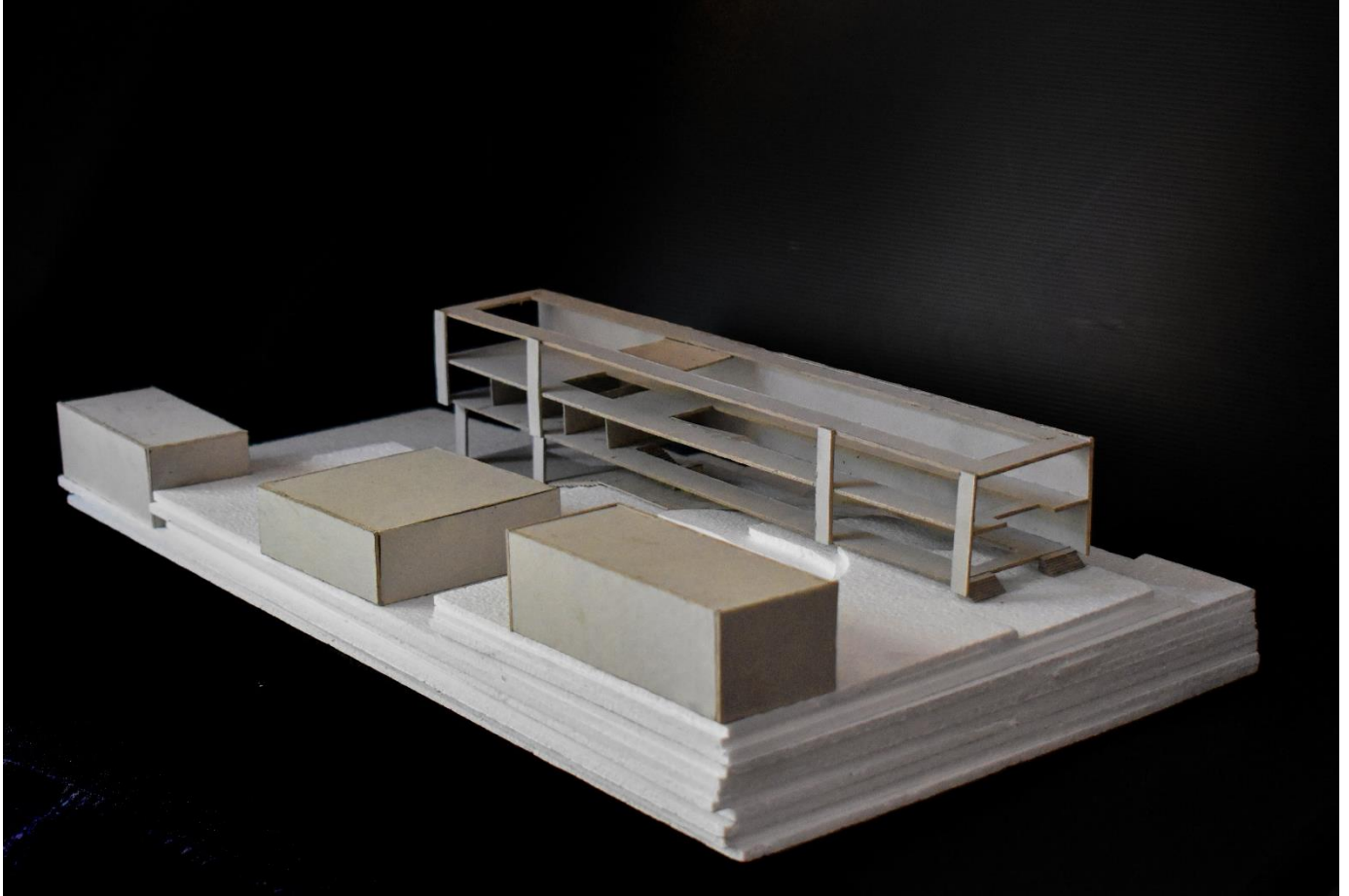
“Even a space intended to be dark should have just enough light from some mysterious opening to tell us how dark it really is”

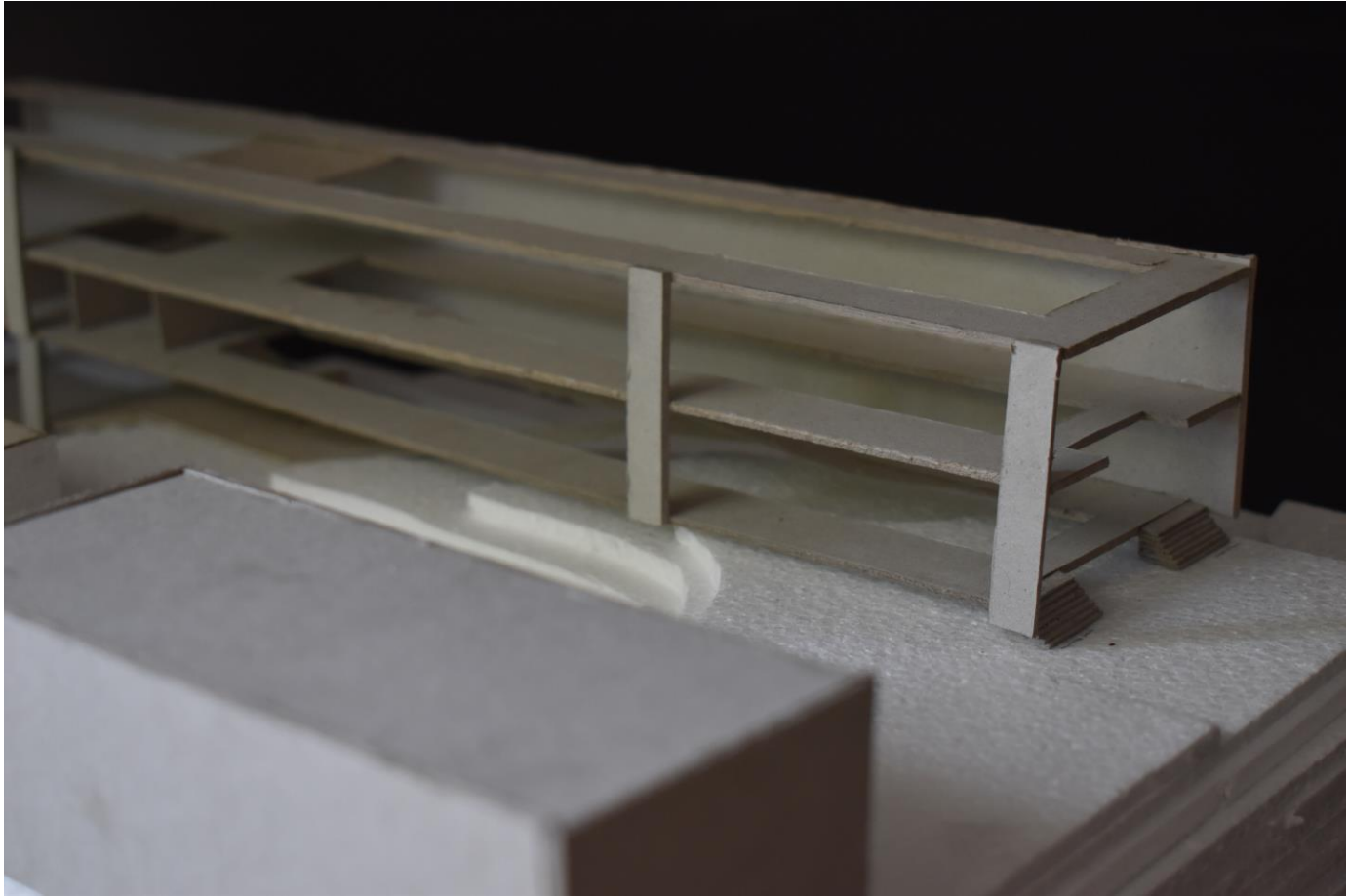
Louis Kahn

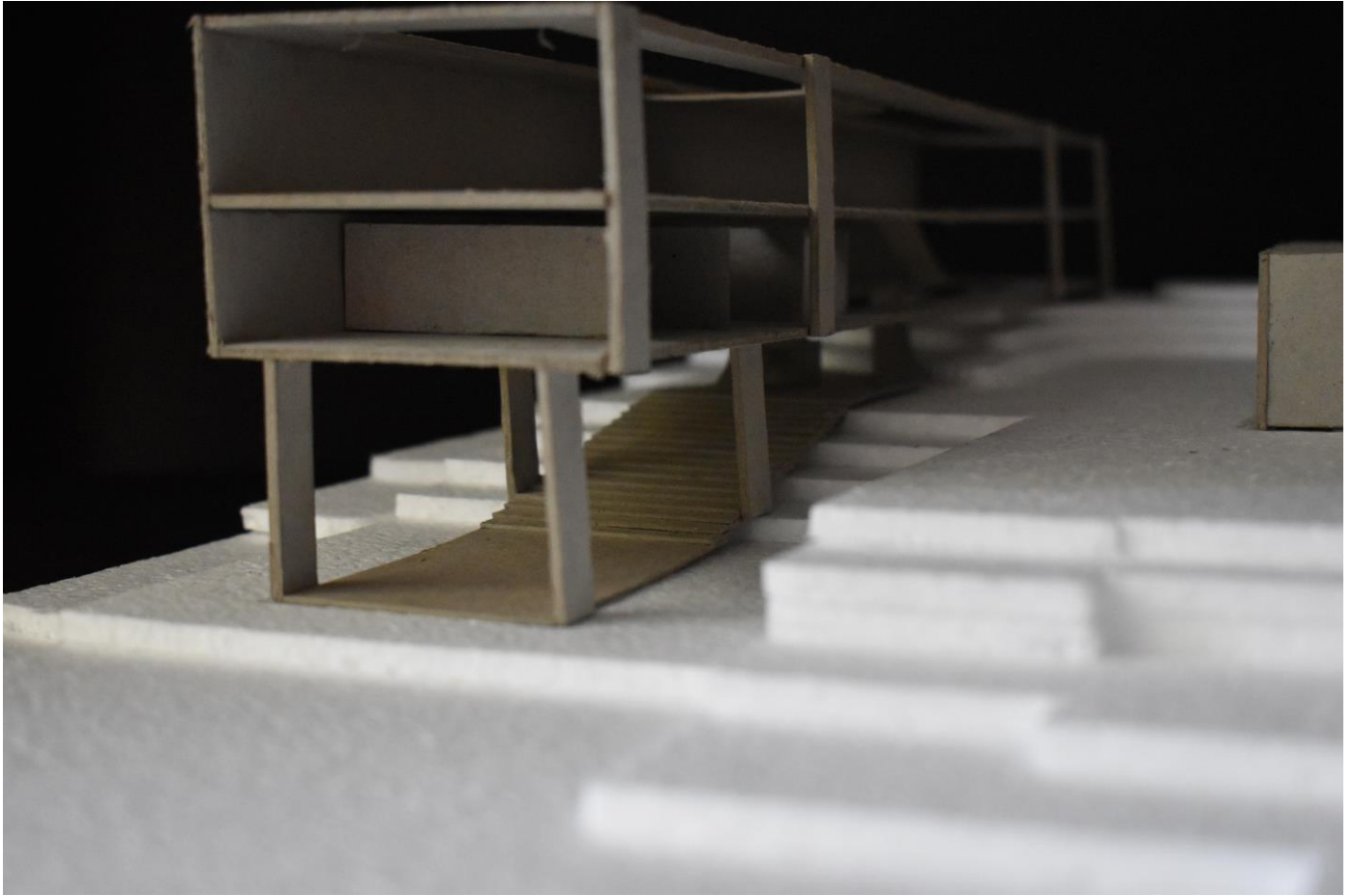


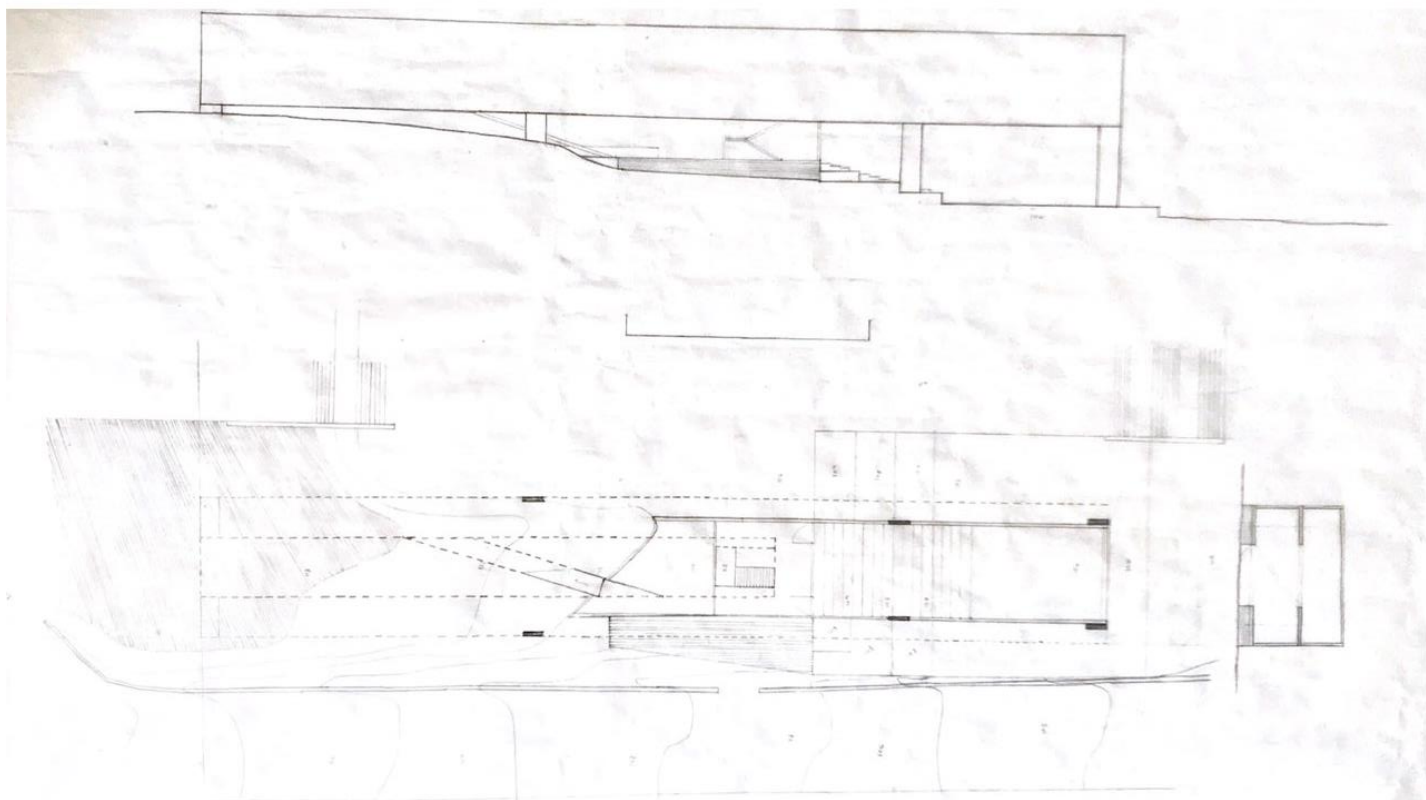
esquiço síntese



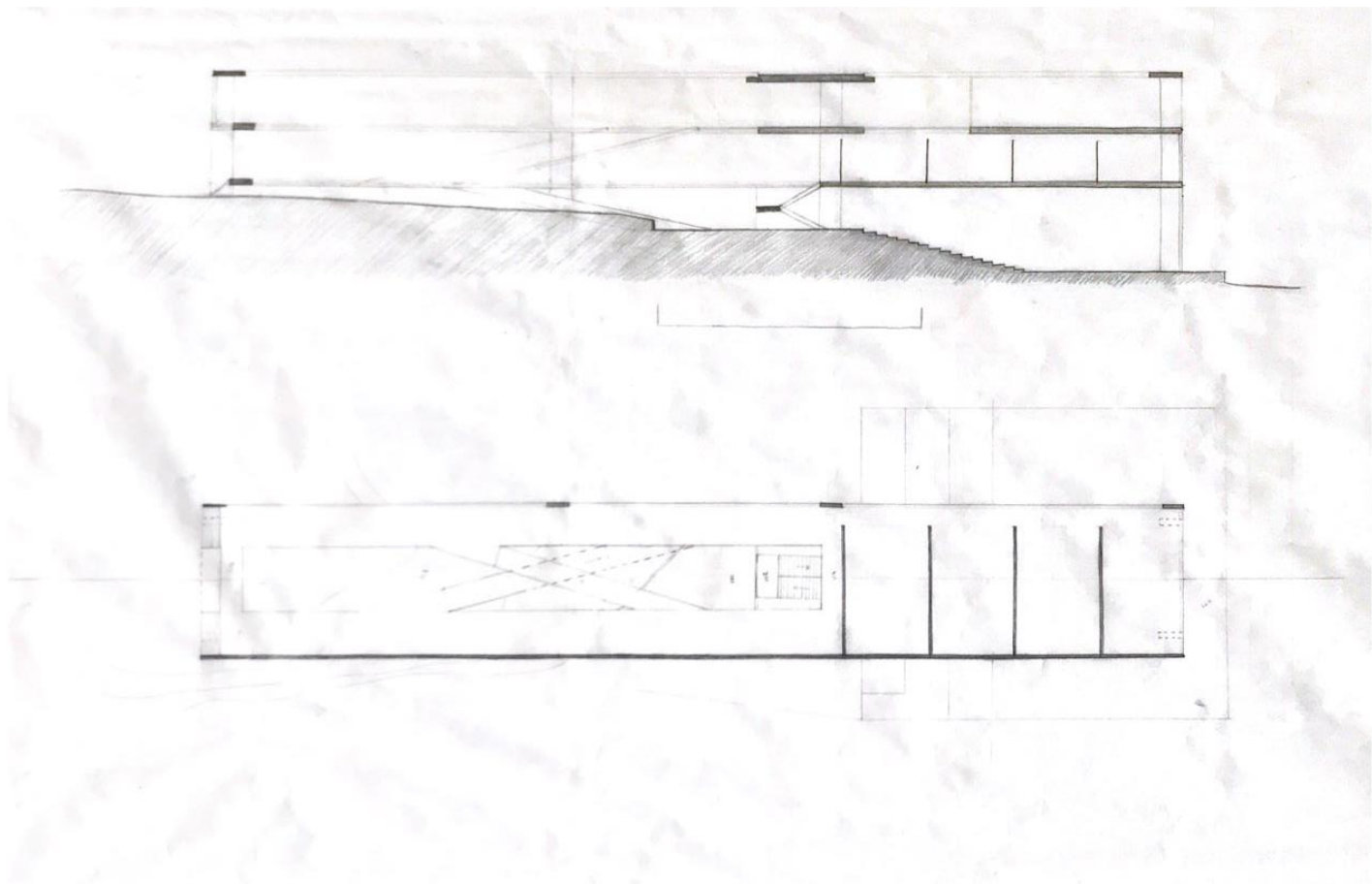


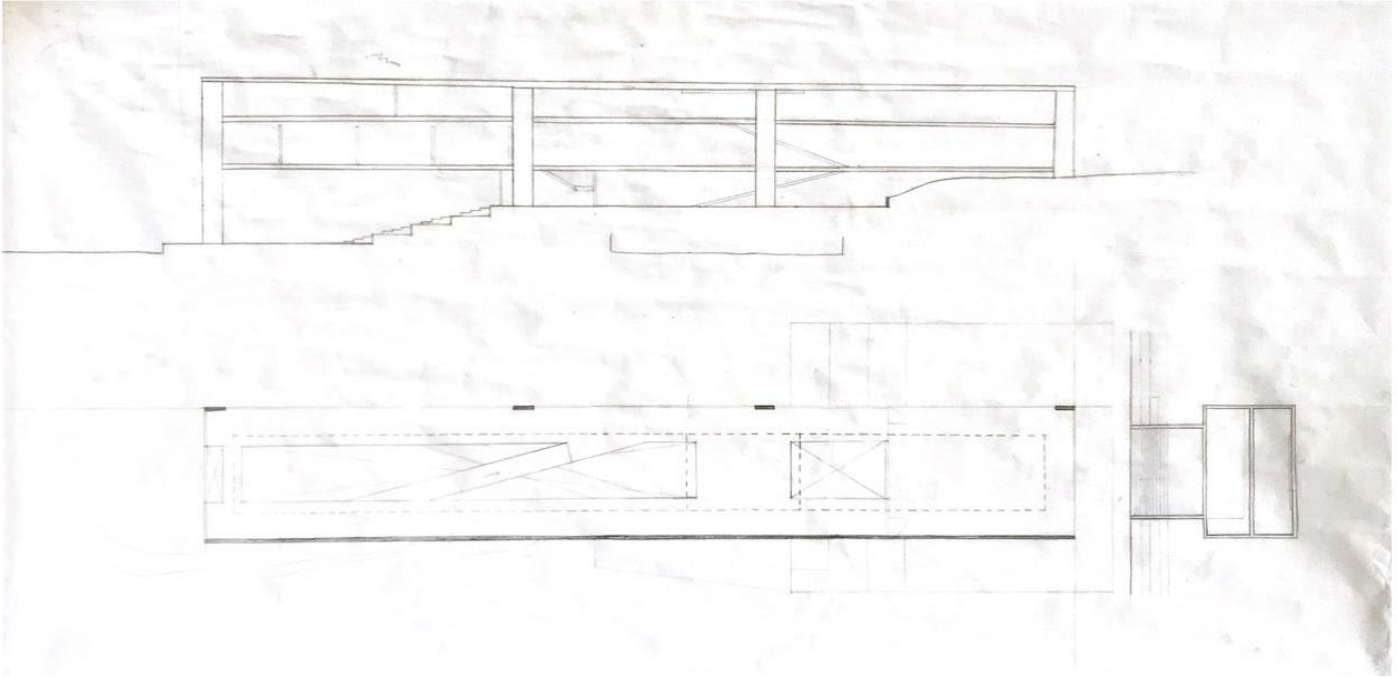




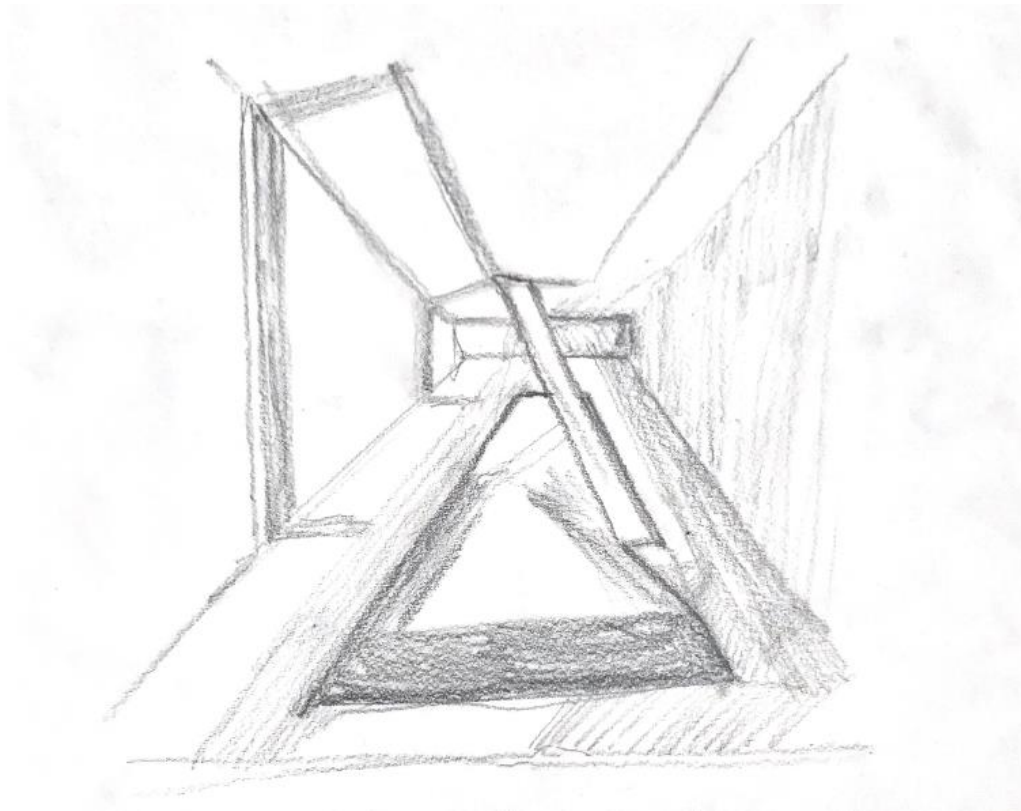


planta e perfil de conjunto

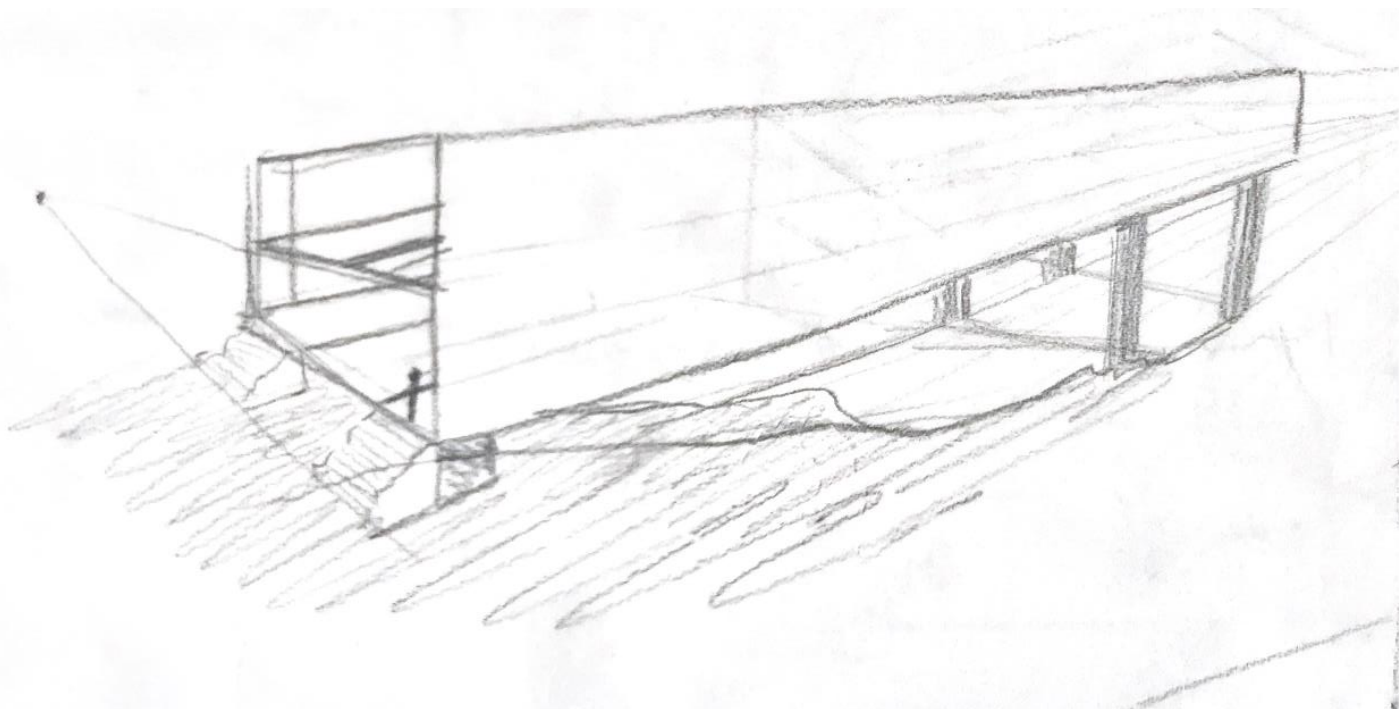




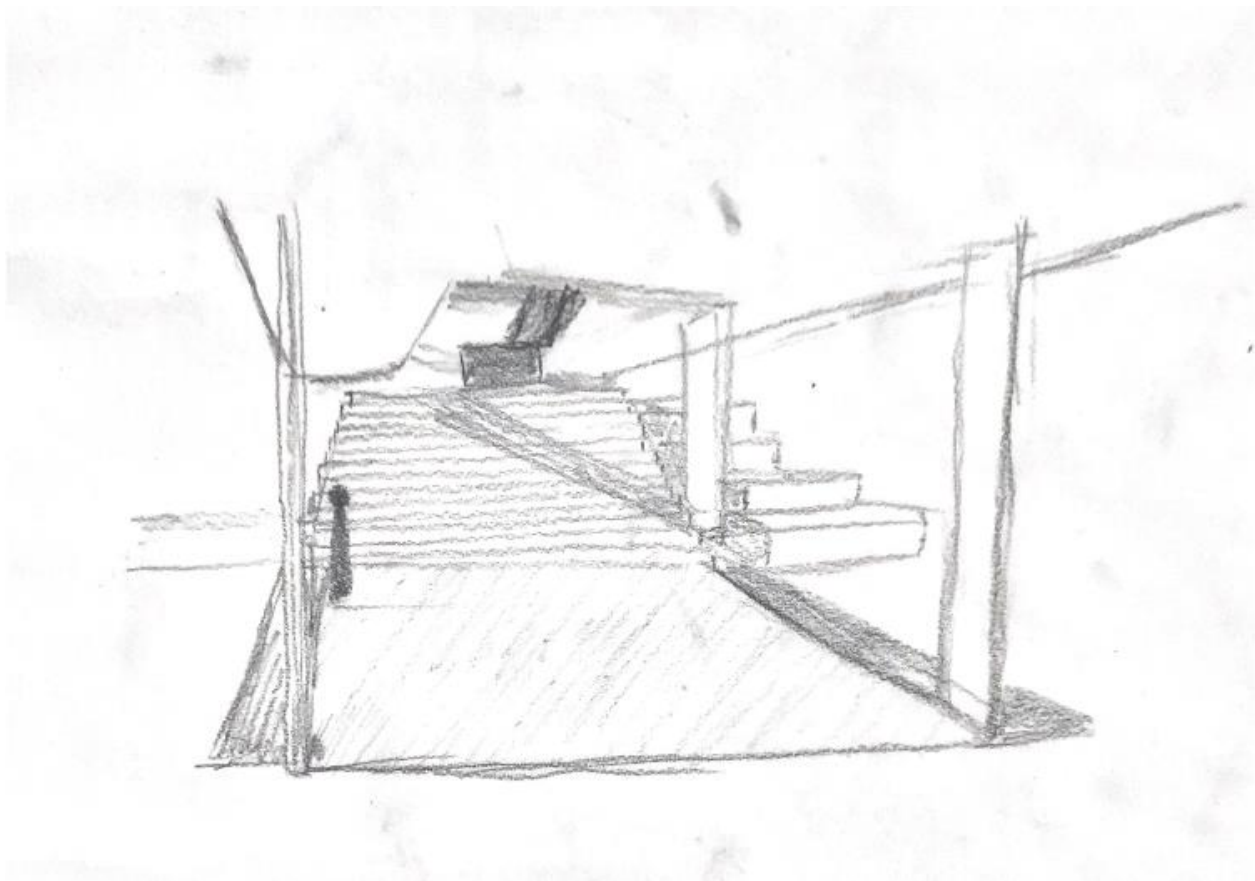
desenho(s) complementares



visão serial

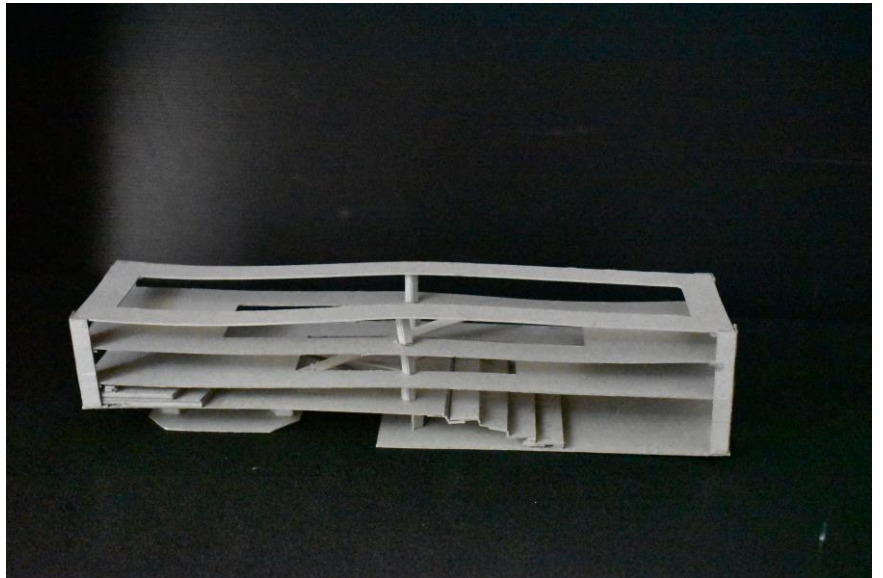
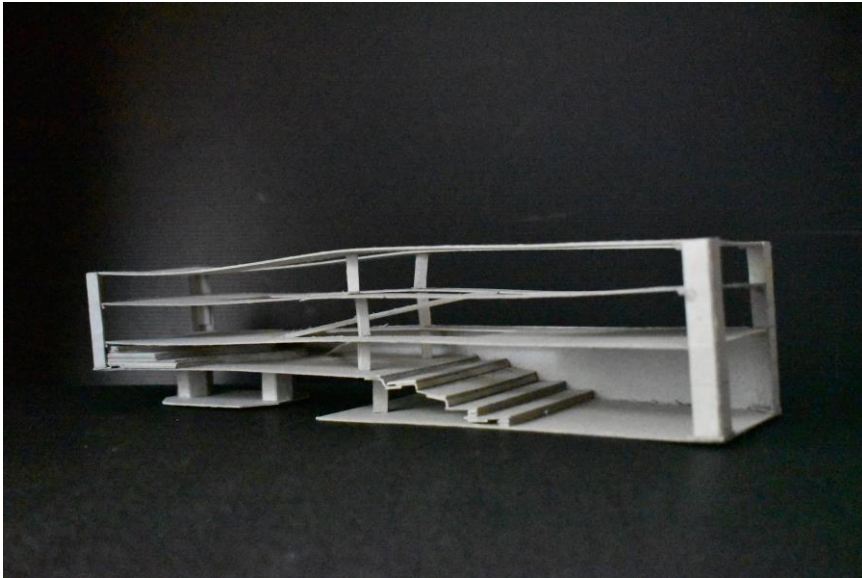


visão serial

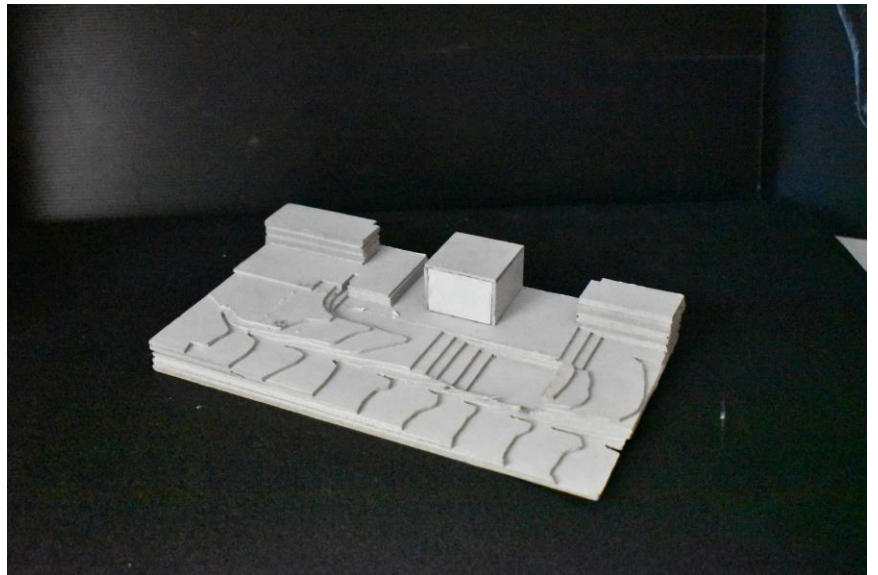
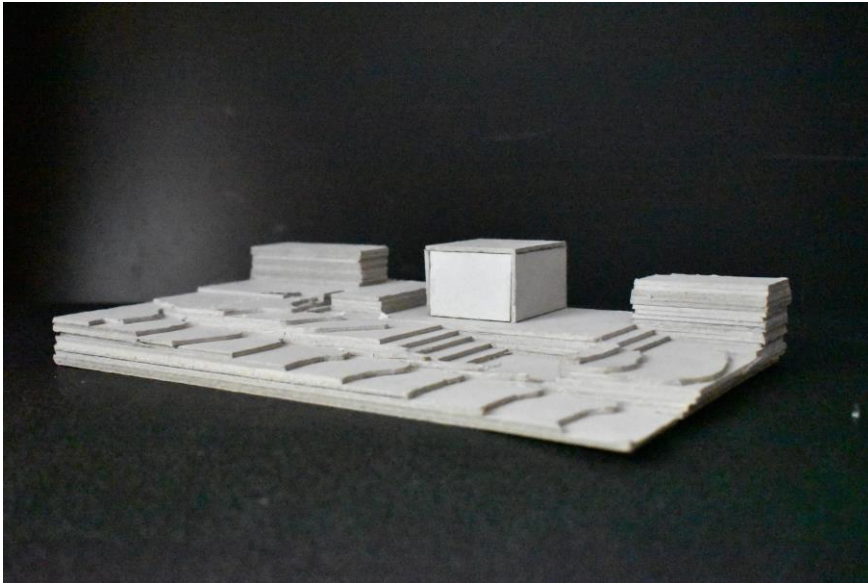


visão serial





fotografias das maquetes de trabalho



1ª fase

lado nascente

Proposta



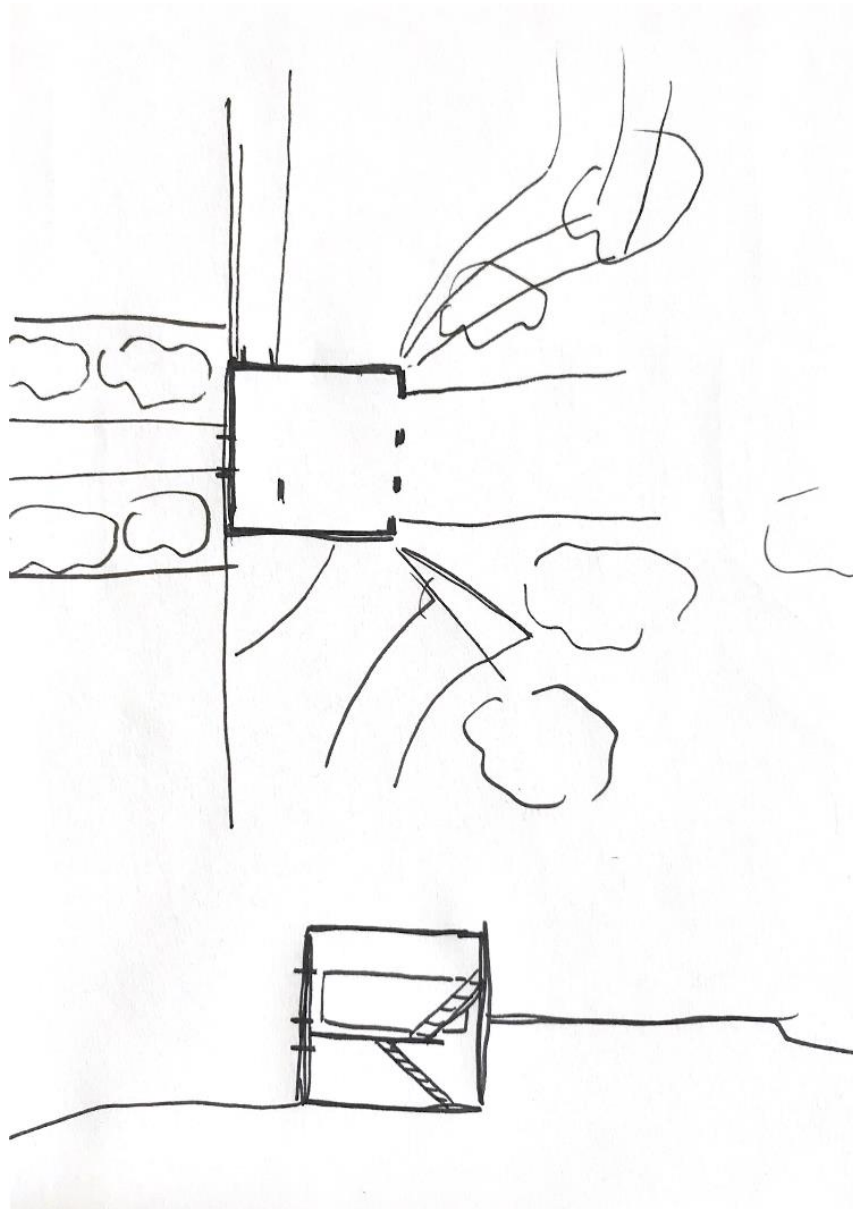
House at Otago Bay, Topology Studio



“ Good Architecture lets nature in”

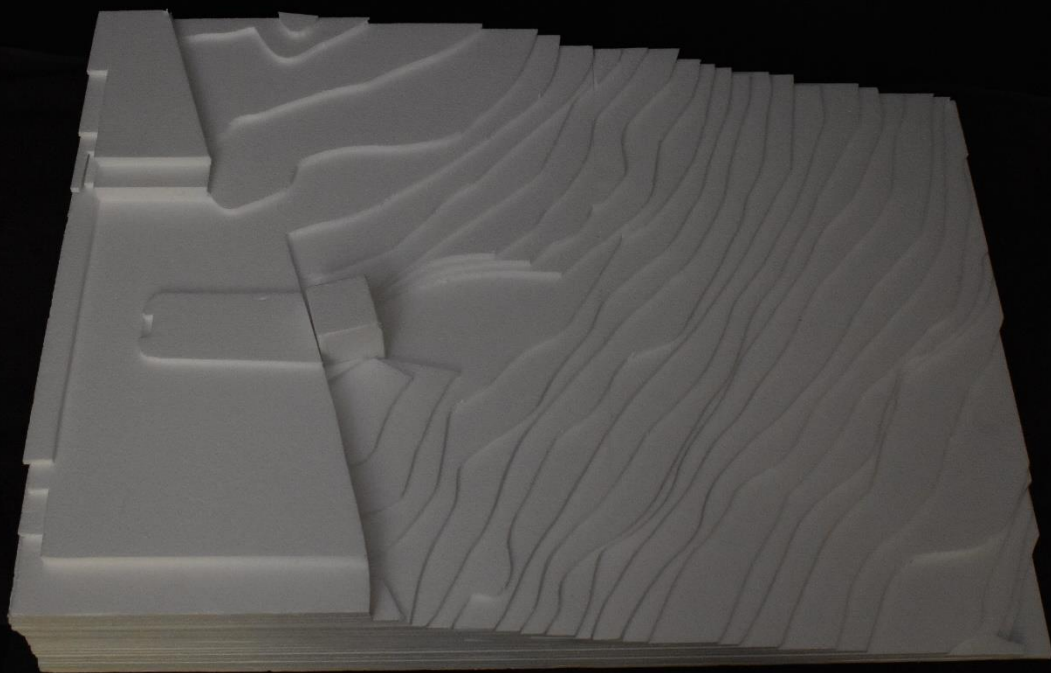
Mario Pei



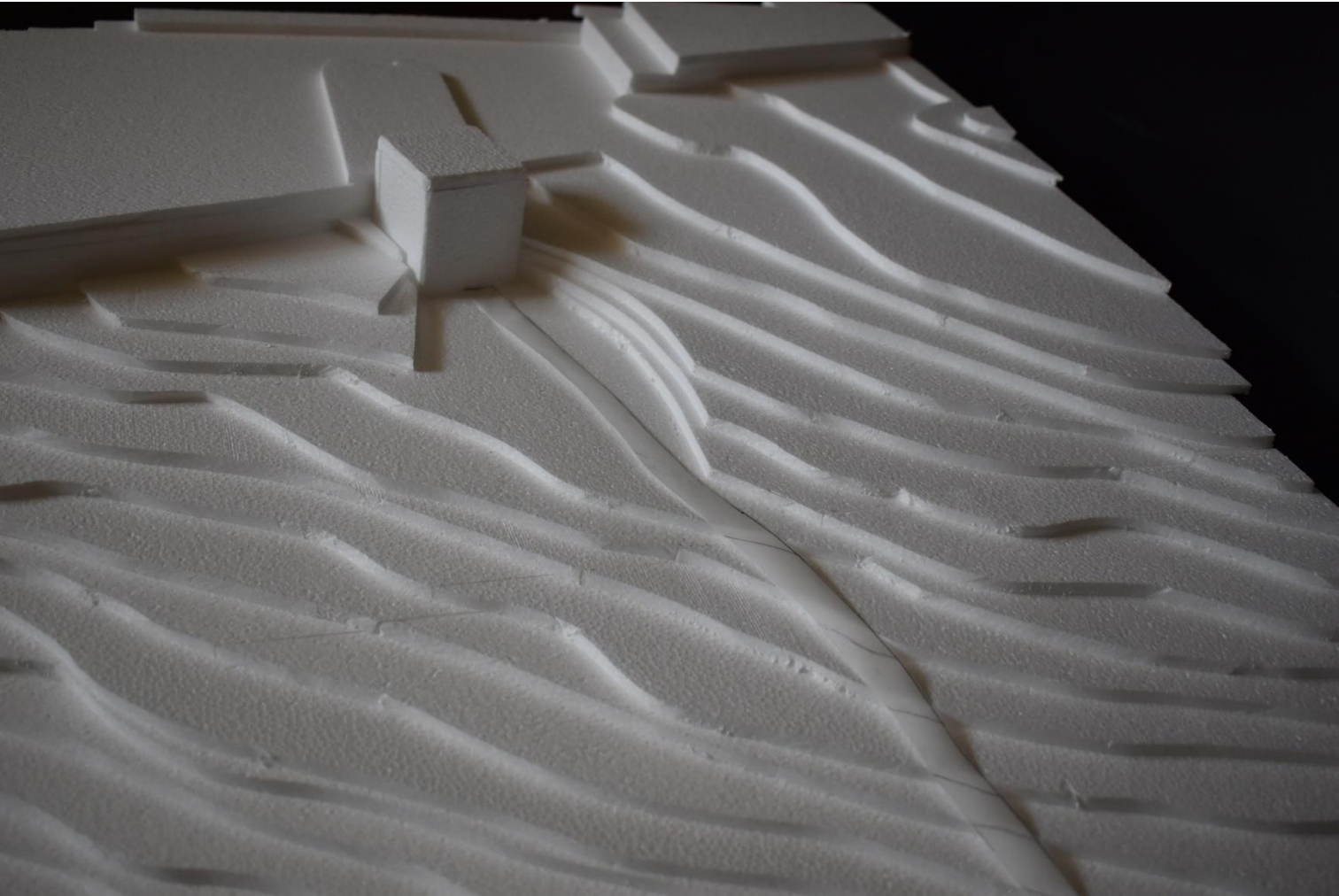


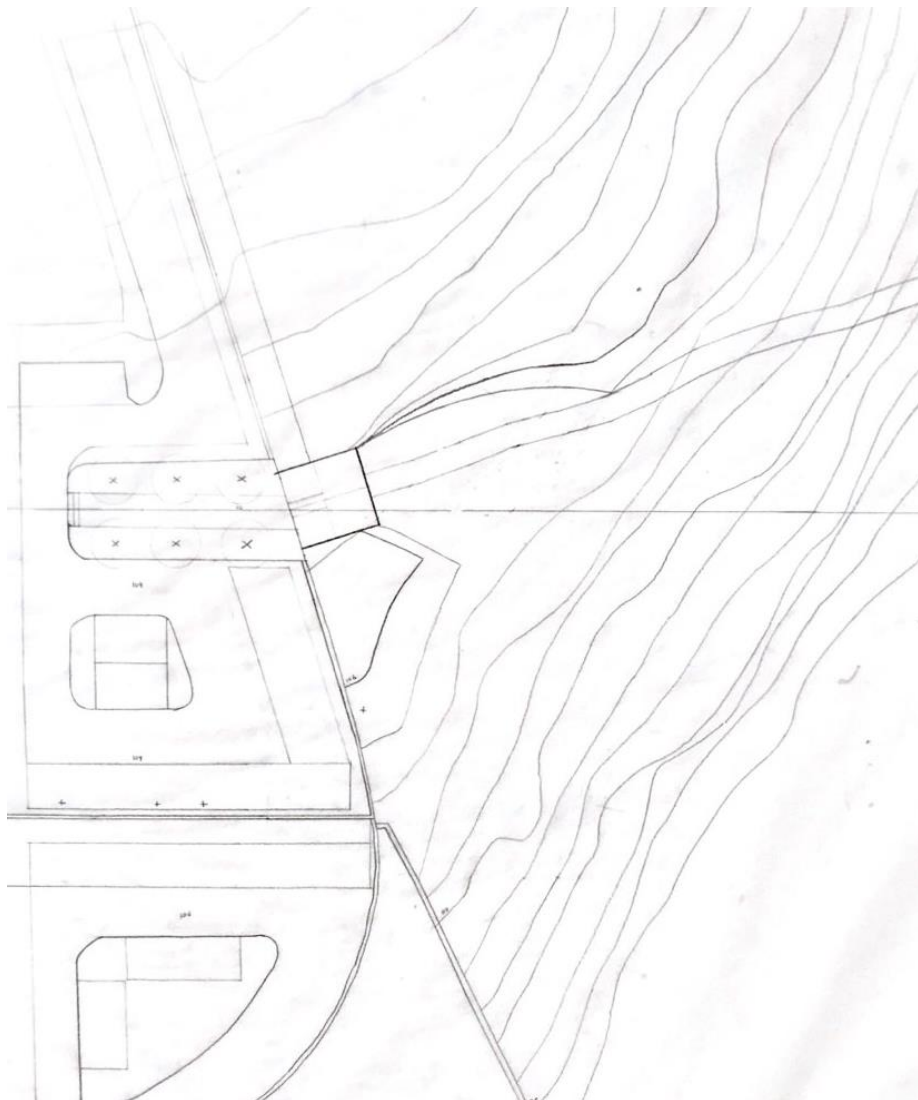
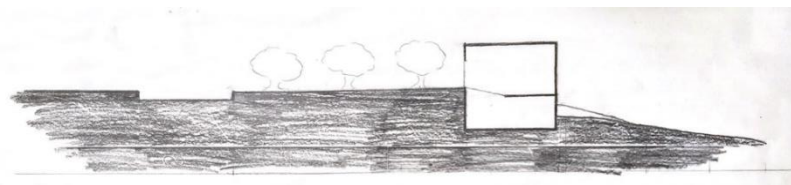
esquiço síntese





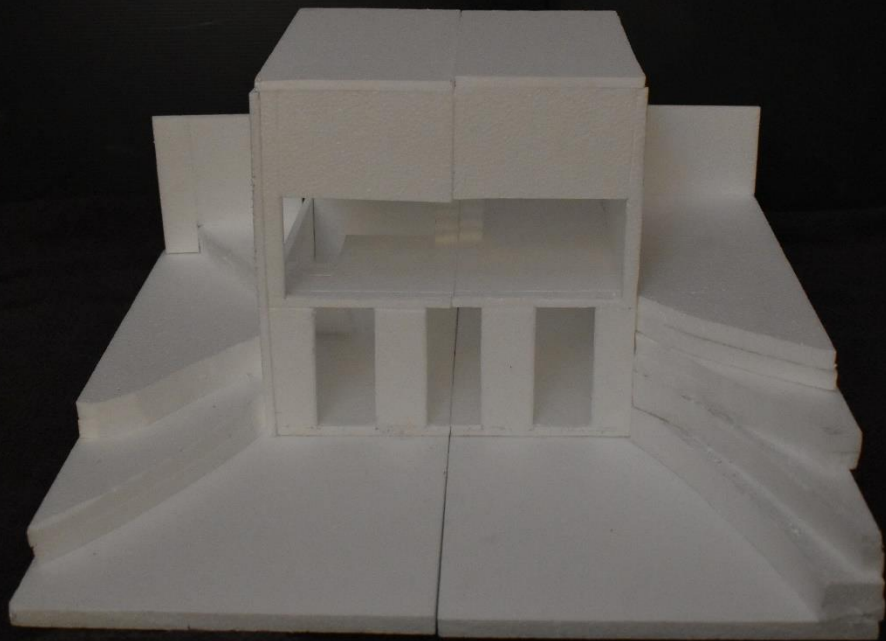


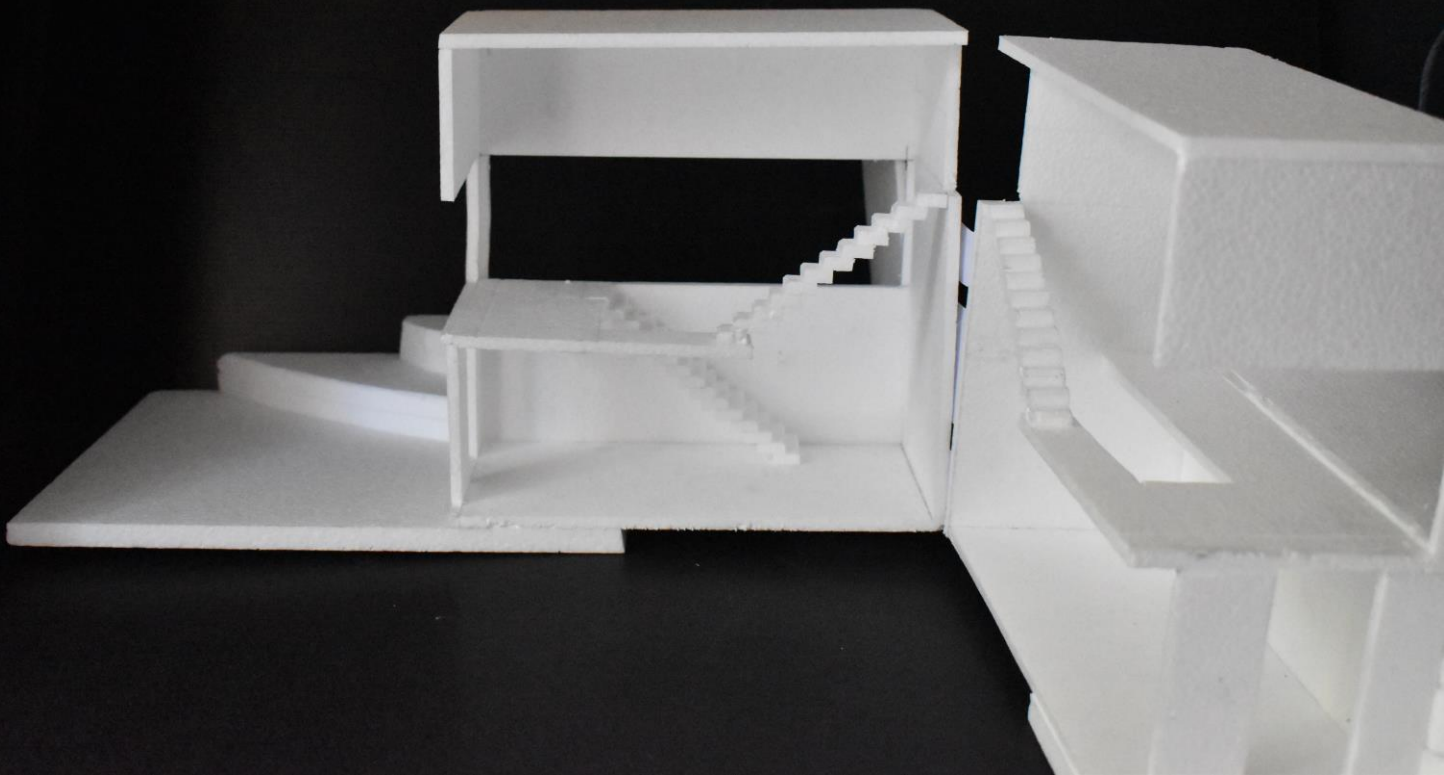


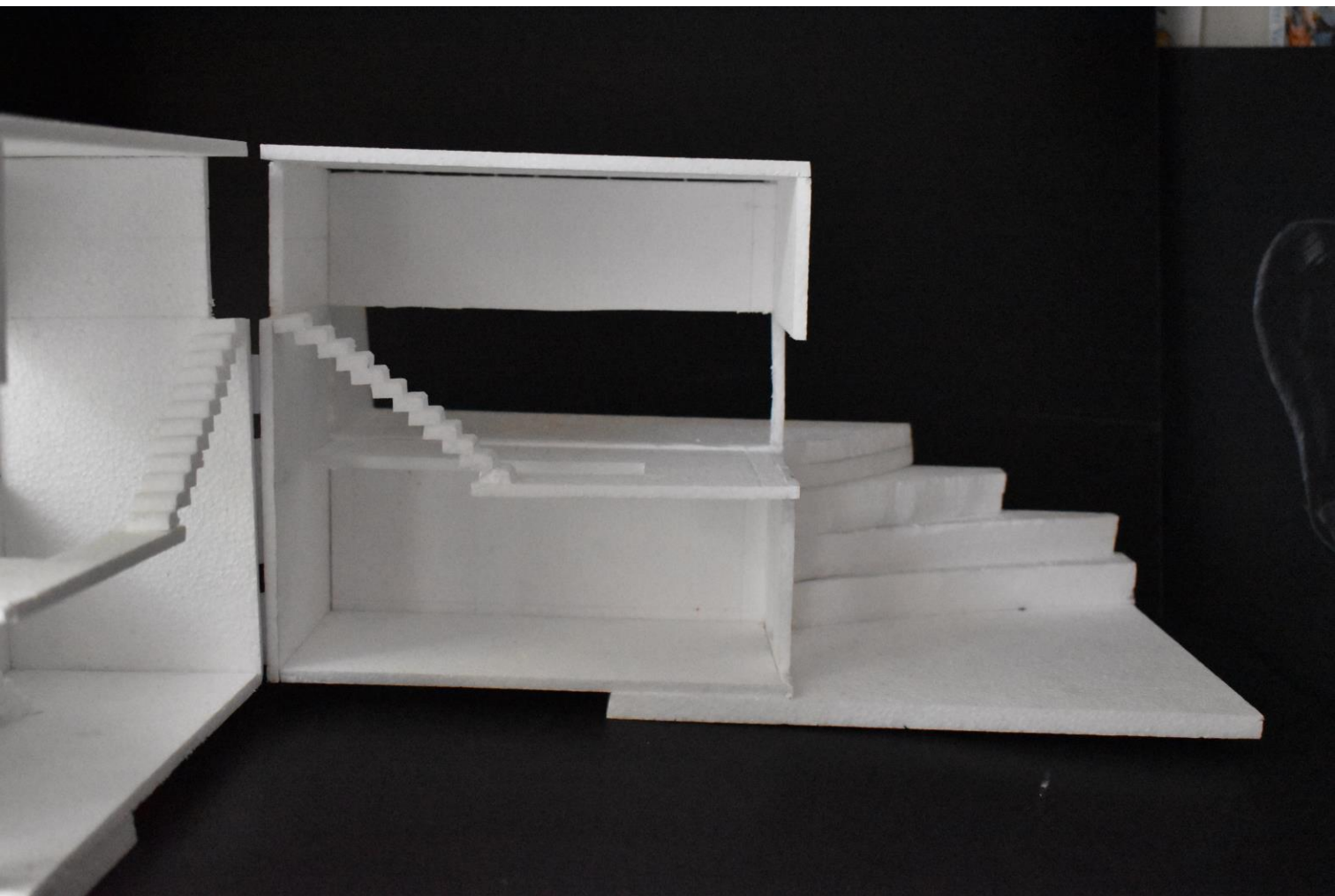


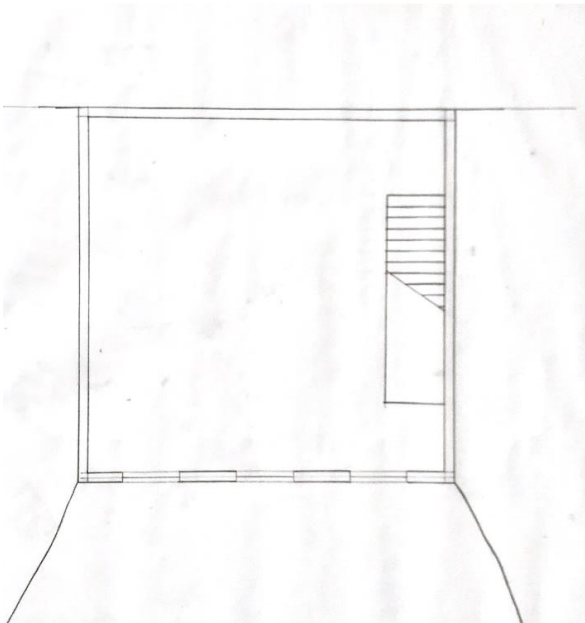
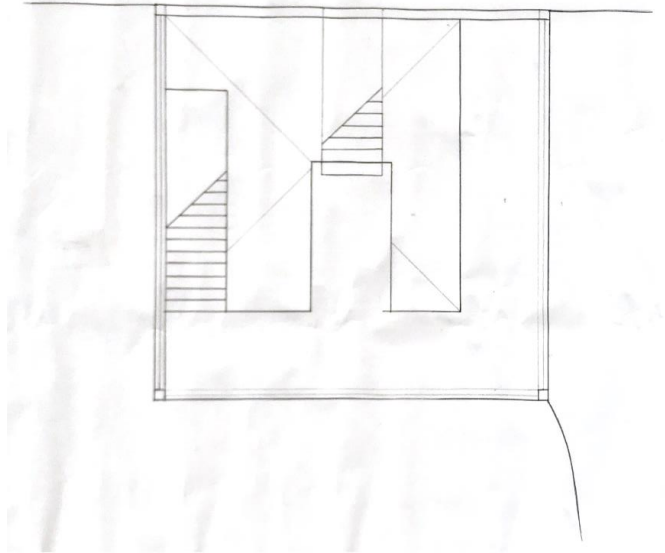
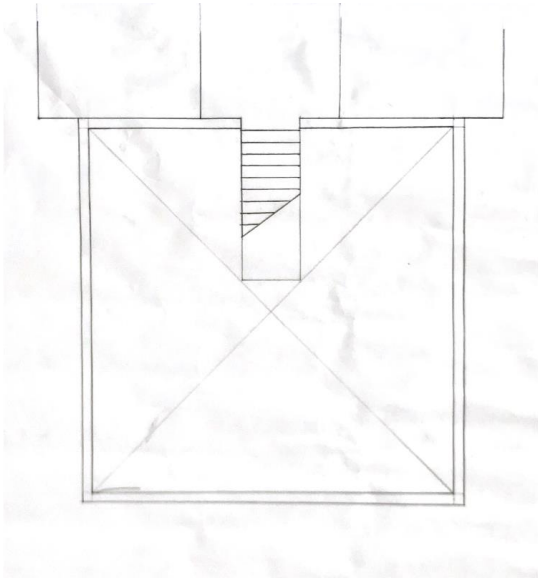
planta e perfil de conjunto

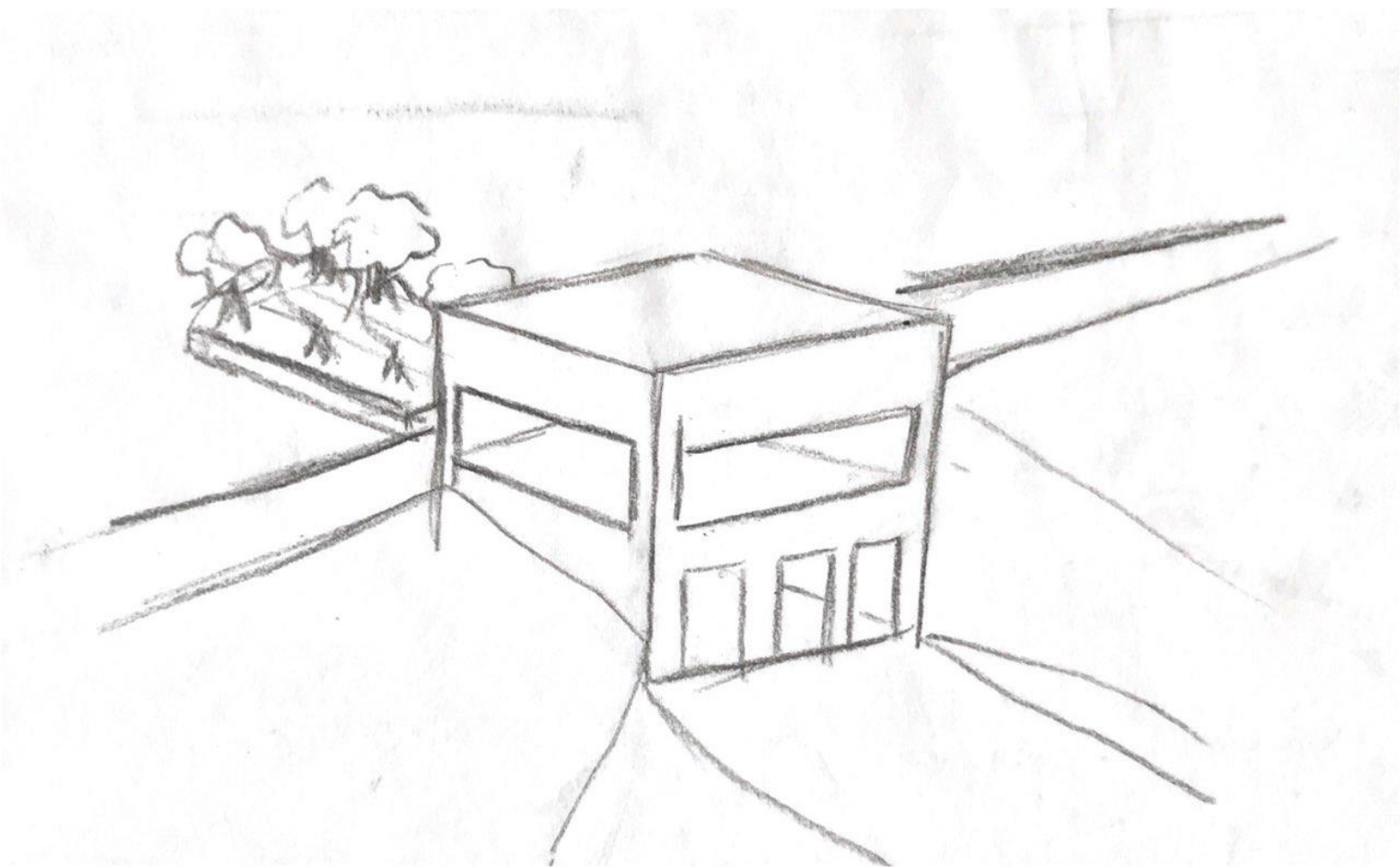




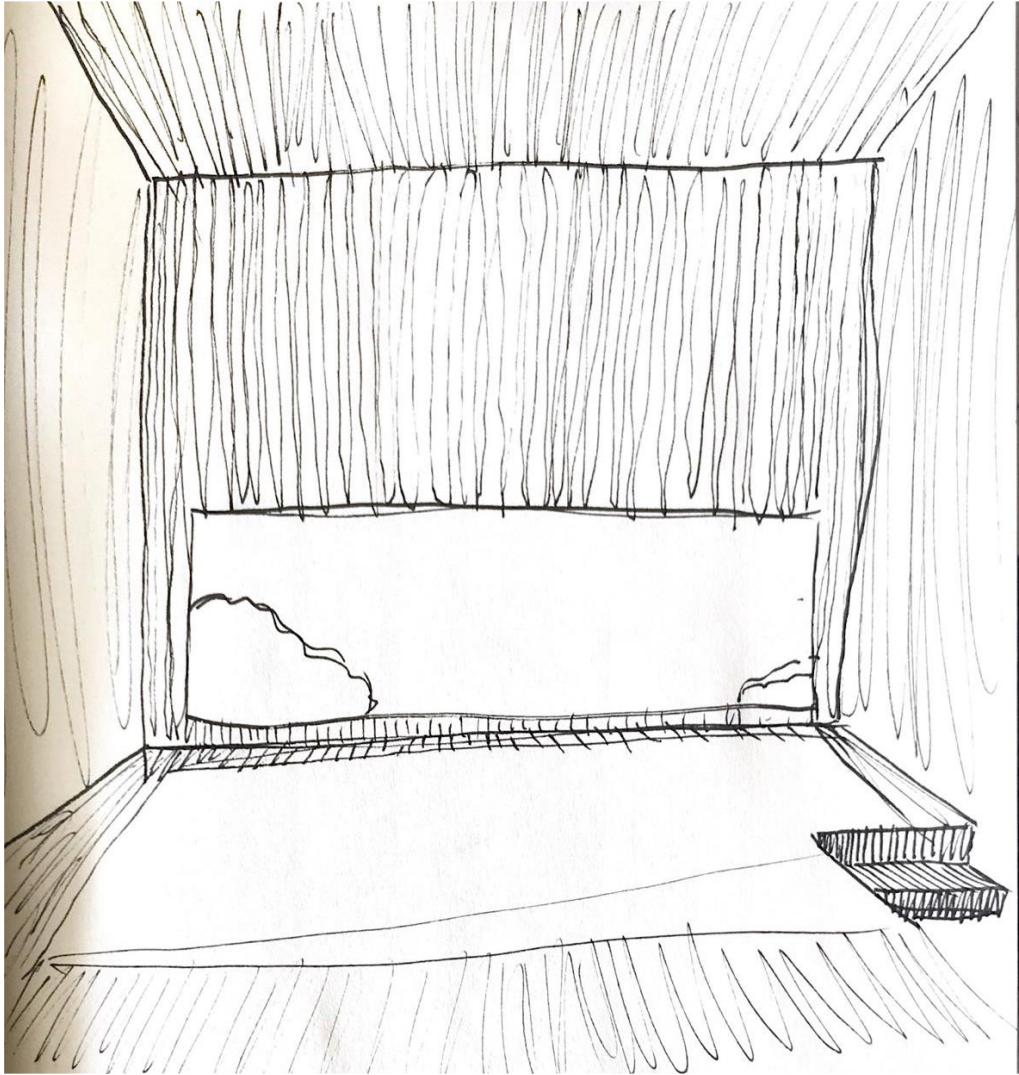




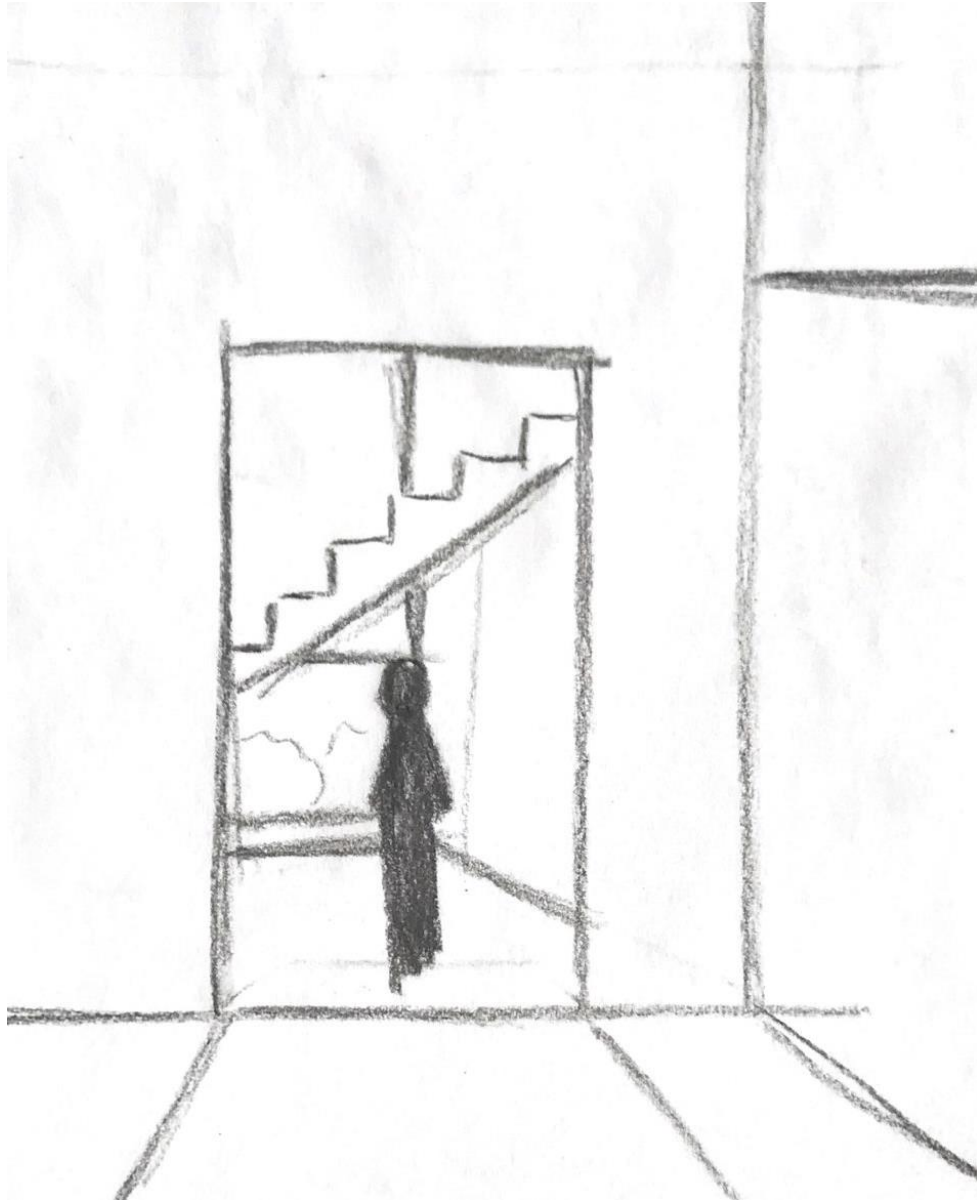




visão serial



visão serial



visão serial



Processo

Leituras comentadas

A arquitetura é feita para ser pisada, suja, percorrida, utilizada, vivida, è esta a mensagem que nos passa Le Corbusier.

Tal como o terreno se mantém ao longo dos tempos, também a arquitetura sobre este moldada deve ficar. O autor fala no local como “base da composição arquitetónica”, sendo o local o primeiro instrumento de análise desta arte, não é apenas o terreno que se adapta à transformação. No seguimento do tópico anterior, podemos ainda reter a ideia de que a arquitetura não pode, nem deve ser apenas um objeto estático “plantado”, e que esta ideologia è apenas uma “ilusão gráfica”.

Em concordância com o autor, verificamos que é necessário entender a expressão da arquitetura, a sua “essência”, como lhe chama Corbusier, o desenho das plantas, cortes e alçados, que levam ao crescimento e evolução do projeto arquitetónico, de certa forma é a própria linguagem da arquitetura.

No texto, Hollis fala de uma certa “comodidade”, “firmeza” e “deleito”, ou gosto, descrita por Vituvius, presente no Parthenon, a “sombra de uma ideia: uma ruína” como descreve Le Courbusier.

O autor fala ainda de Atenas como perfeita, bonita e imortal, uma virgem no seu castelo, por assim dizer. Mas após ataques e invasões deixam-na destruída e amolgada, fica em cinzas, tudo á exceção do Parthenon.

Arquitetura como perfeição, uma pura criação da mente.

De certo modo o autor comenta a perfeição da arquitetura no Parthenon, talvez até a concluir que foi por isto que os “ladrões” e atacantes o deixaram impecável. Mas a outro ver, talvez este templo apenas tenha sobrevivido devido a um medo gritante dos deuses e seres superiores ao ser humano, Atenas como uma mulher vingativa e poderosa, capaz de fazer desaparecer todos os que entravam no seu domiínio.

Para isto será também necessário rever que os templos seriam as “casas” dos deuses.

Talvez por medo de entrar sem convite foi salvo o Parthenon.

Seguindo a leitura do texto de Pierre Francastel podemos concluir que é da sua opinião que a arquitetura moderna não teve um nascimento, por assim dizer, ou um início claro, no entanto segundo estudos de história, este “novo estilo” surge com o aparecimento da planta livre. De qualquer das formas ambos os meios enunciados pelo autor, como o cimento armado e o aço aparecido ocuparam lugares importantíssimos e principais neste movimento.

Agora, em concordância com Francastel, admitindo o movimento como elemento “primordial” do espaço, apenas atingiu o seu auge, ou o início deste. Interessantíssimas serão as diferentes formas de cada arquiteto organizar o espaço e articular os vários volumes. Apesar de tudo discordo com a opinião do autor de que esta obra é a mais “audiciosa” em cinquenta anos, ainda que admita que haja uns “senões”, acredito que possa ser uma das obras marcantes desses cinquenta anos, mas não acredito que haja alguma uma obra superior a todas outras, sendo que existem várias expressões, estilos e gostos.

Por fim, concordando com a opinião do autor, acredito também que não se deva admitir que a estética do mundo moderno tenha derivado apenas da evolução da máquina, e que a ordem figurativa segue assim três grupos “nova percepção do espaço, da velocidade, e da estrutura interna dos objetos materiais.

Segundo a opinião de J. D. Gorjão Jorge, a arquitetura existe pela sua funcionalidade, não sendo um objeto estático, uma completa obra de arte, ou escultura, intocável que só serve para ser apreciada e observada, mas sim como um espaço, ou objeto, que só cumpre o seu objetivo quando é pisada e caminhada. Assim, tal como as pessoas, a arquitetura só pode viver na memória dos que a experienciaram, mas também deste modo transporta e preserva a vida dos que nesta habitaram e viveram.

De certo modo, em sincronia com o autor, acreditamos que toda a arquitetura perde o seu valor se a separarmos do ser humano, ainda que impossível, pois a arquitetura depende do ser humano e vice versa.

Ao longo da existência do Homem sempre houve a procura de abrigo, e a certo ponto o abrigo começou a ser criado, assim a arquitetura surge por necessidade, e evolui para uma arte, uma estética acrescentada à sua base, ao abrigo bruto, estética esta que é construída pela memória da experiência da arquitetura, e da própria estética, formando assim um ciclo, evolução.